

## RITUAIS ESCOLARES: NOTAS SOBRE JOGOS E OLIMPÍADAS ESCOLARES COMO RITUAIS

### SCHOOL RITUALS: NOTES ON SCHOOL GAMES AND OLYMPICS AS RITUALS

Ana Gabriela Alves Medeiros\*  
Fernanda Gonçalves Rios\*\*  
Tháise Ramos Varnier\*\*  
Etyelle Ribeiro\*\*  
Otávio Tavares\*\*\*

---

#### RESUMO

A teoria sociológica aponta que todas as sociedades constroem formas de celebração de seus valores e identidade. Segundo autores como DaCosta (2000) e MacAloon (1984), os jogos olímpicos pautam-se em valores da modernidade ocidental, e que os celebra em grandiosas cerimônias. Inseridos no âmbito escolar, identificamos um elevado número de “jogos” e/ou “olimpíadas” que, direta ou indiretamente, baseiam-se no modelo olímpico. Neste contexto, tivemos por objetivo analisar os sentidos, significados e valores envolvidos na realização de jogos escolares, com ênfase em suas cerimônias de abertura. Além disso, buscamos compreender as razões que orientam os professores a organizarem estas competições. Para tanto, foram realizadas observações em duas cerimônias em escolas da Grande Vitória e entrevistas com os professores organizadores das competições. Verificamos que as apropriações dos valores ritualizados nos jogos olímpicos são singulares e baseadas na realidade local, porém coexistem com a emulação de um modelo que se propõe universal.

**Palavras-chave:** Jogos. Rituais. Escola.

---

#### INTRODUÇÃO

Tomados em seu sentido mais amplo, os jogos olímpicos (JOs) estão entre as formas de ritualização de valores da modernidade mais conhecidas e influentes (DaCOSTA, 2000; KLAUSEN, 1995; MacALOON, 1984). De fato, podem ser considerados como uma referência tão significativa de competição que o termo “olimpíada” denomina um número elevado de competições, algumas inclusive sem relações com o esporte, como as competições de conhecimentos (olimpíadas de matemática, astronomia, soletração e etc.). Assim, não parece ser surpresa observarmos um elevado número de “jogos” e “olimpíadas” escolares que emulam o modelo olímpico com a presença de uma chama “simbólica”, desfile de equipes ou delegações, hasteamento de bandeiras, juramentos, hinos, dentre outros elementos que constituem tais cerimônias.

Não obstante, como, segundo Hall (2000), as sociedades contemporâneas lidam de formas múltiplas e flexíveis com valores, desconstrói-se a possibilidade de uma pretensa universalidade normativa de valores, estabelecendo-se assim relações que tendem a respeitar as singularidades subjetivas em um contexto que podemos caracterizar como de certo relativismo axiológico. Neste contexto, diversos autores têm examinado o fenômeno esportivo no âmbito de mudanças contemporâneas no sentido de considerá-lo como portador de um caráter multicultural subjetivamente determinado (STIGGER, 2002), plural (GAYA; TORRES, 2004), ou como um sistema aberto com escassa identidade própria (HEINEMANN; PUIG, 1991) - portanto, sujeito a um conjunto mais variado e contextualizado de valores.

Tendo-se em vista estas considerações, é possível conceber a hipótese de um ambiente

---

\* Mestre. Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, Brasil.

\*\* Graduada. Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-Es, Brasil.

\*\*\* Doutor. Professor Associado do Centro de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, Brasil.

ambivalente no que concerne às aproximações e deslocamentos entre os jogos olímpicos propriamente ditos e seus rituais como referência e os jogos realizados no ambiente escolar como sua emulação. Isto significa que a cosmologia dos rituais esportivos escolares pode acomodar deslocamentos de significados em relação a seu referente olímpico e mesmo entre organizadores (professores) e praticantes (alunos), pondo, assim, em questão a pressuposição da celebração de valores da modernidade. Neste sentido, é relevante conhecer como os valores ritualizados nos JOs são apropriados no âmbito local. Neste estudo, temos por objetivos analisar os significados e valores envolvidos na realização dos “jogos” e “olimpíadas” escolares, com ênfase em suas cerimônias de abertura como rituais.

#### VALORES E RITUAIS: PERSPECTIVAS CONCEITUAIS

Valores são “critérios que permitem julgar a realidade, em predisposições que orientam sua conduta e em normas que a pautam” (PUIG, 1998, p. 24). Isto significa que os valores regem atitudes e comportamentos dentro de uma comunidade. Uma vez que somos detentores de um mundo pessoal de valores e estes se encontram interligados com um mundo coletivo, devemos considerar que os valores sociais não são entidades exclusivamente aprendidas “de fora para dentro” em processos de socialização, mas produto da interação entre indivíduo e grupo. Assim podemos aceitar a existência de um quadro subjetivo de valores socialmente desenvolvidos que ganham confirmação e eficácia à medida que são intersubjetivamente compartilhados e que ao mesmo tempo podem se modificar (CUCHE, 2004).

Embora, segundo Durkheim (1989, p. 505), quanto mais complexas sejam as sociedades, mais genéricos são seus valores orientadores, para este autor seminal da sociologia “não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de conservar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que constituem a sua unidade e a sua personalidade”. Desta forma, os rituais – celebrações especiais de cunho simbólico – tornam-se um ambiente profícuo para analisar a ação social realizada no contexto de visões de mundo compartilhadas.

Peirano (2002, 2003) compreende os rituais como um fenômeno social peculiar de diferentes naturezas – profana, religiosa, festiva, formal – que combina palavras e ações de forma flexível. Os rituais parecem partilhar alguns traços: uma ordenação que os estrutura, um sentido de realização coletiva como propósito definido e também uma percepção de que eles são diferentes dos atos do cotidiano. A autora afirma que o ritual revela o que está presente no cotidiano de um determinado grupo, realçando e ampliando um arcabouço de ideias e valores que são comuns a seus integrantes e que seriam difíceis de discernir de outra forma. Isto significa que, mesmo aceitando-se a existência de um plano subjetivo de valores, a eficácia simbólica do ritual está relacionada ao fato de ter um significado comum mínimo, uma generalidade formal nos termos durkheimianos, para um grupo social.

A ideia de ritual que transita entre o senso comum o aponta como algo definido e imutável, realizado para celebrar momentos especiais, e prioritariamente ligado à esfera religiosa. A partir da percepção de que havia uma racionalidade dentro dos rituais, autores como Mauss e Durkheim se distanciaram desta abordagem, ou ao menos, inovaram esta concepção estabelecida entre ritual, magia e religião (PEIRANO, 2003).

Em *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim (1989), analisa sociologicamente a religião e sua ligação com as estruturas sociais que explicam o seu desenvolvimento. Para Durkheim, rituais são atos da sociedade por meio dos quais ela toma consciência de si, recria-se e se afirma, criando um corpo de valores socialmente partilhados. Para Peirano (2003), rituais são determinantes da vida em sociedade, e necessitam de uma comunidade moral relativamente unida em torno de determinados ideais.

Vale salientar que, segundo Rodolpho (2004, p. 140), “os rituais podem ser seculares ou religiosos, e ambos mostram o invisível: enquanto os rituais seculares demonstram as relações sociais (civis, militares, éticas, festivas), os sagrados evidenciam o sagrado, o transcendente”. Nesse sentido, proposições que, em princípio, parecem antagônicas, como o ritual e o secular, de fato não o são.

Sabe-se que os rituais são momentos de intensificação daquilo que é usual em

determinada sociedade, e nesse sentido, partilham de alguns traços formais e padronizados; porém estes traços são variáveis, uma vez que o ritual não é algo imutável, pois se funda também em constructos ideológicos singulares. Isto significa a possibilidade teórica de se aceitar que com o tempo os rituais podem, até certo ponto, mudar de significado, dando validade à hipótese que orienta este estudo. Esta plasticidade dos significados dos rituais pode ou não estar acompanhada de modificações nos signos (os elementos estruturais dos rituais).

Ao longo dos anos, diversos cientistas sociais buscaram uma definição para o ritual; entretanto, de acordo com Peirano (2003, p. 9), a definição de ritual é relativa, nunca absoluta ou *a priori*, logo, “ela precisa ser etnográfica, isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa”. Cabe ao pesquisador a percepção daquilo que é considerado um evento especial, crítico e não cotidiano para os nativos, o que não implica uma ausência de racionalidade.

A racionalidade dos rituais se caracteriza por aspectos que lhes são inerentes, os quais não podem ser classificados de acordo com a lógica instrumental como meios e como fins. Deste modo, na análise de rituais não devem ser utilizadas em sentido causal qualificações como falso ou errado, mas sim, impróprio ou inválido, considerando-se seus objetivos (persuasão, expansão de significado, conceituação) e seus critérios de adequação (validade, pertinência, legitimidade) (TAMBIAH apud PEIRANO, 2002).

Apesar de não haver uma compreensão fixa e canônica sobre o ritual, os estudos contemporâneos baseiam-se no aporte conceitual de Stanley Tambiah. Tal definição é apresentada e acrescida de exemplos cotidianos por Peirano (2003, p. 11):

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional

[como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo].

De acordo com Peirano (2003), esta é uma definição operativa de ritual que reúne aspectos fundamentais para uma conceituação. Essa ideia orienta a discussão dos rituais como domínios que não podem ser divorciados da vida social, considerando-os como eventos críticos de uma sociedade.

Assim, Peirano (2002, p. 8) afirma que “se há uma coerência na vida social como nós antropólogos acreditamos, então o tipo de análise que se aplica a rituais também serve a eventos.” Neste contexto, destacamos o estudo do antropólogo John MacAloon (1984), que analisa os jogos olímpicos como uma *performance* cultural ramificada.

Ao desenvolver a Teoria do Espetáculo, MacAloon (1984) aponta que os JOs são constituídos por diversos gêneros performativos, entre os quais os mais significativos são o espetáculo, o festival, o ritual e o jogo. Enfatizamos neste estudo a dimensão ritual para compreender as cerimônias esportivas, sejam elas olímpicas ou não, como um contexto em potencial para análise de um determinado grupo e o que este celebra enquanto valores.

#### AS CERIMÔNIAS ESPORTIVAS COMO RITUAIS SECULARES

A antropologia tradicional privilegiou o estudo de sociedades “tribais”, nas quais os jogos vinculados às práticas corporais (correr, saltar, lançar, lutar...) eram, de fato, rituais sagrados. A vinculação destas práticas ao sagrado em outros contextos parece ter contribuído para que se negligenciasse sua compreensão como rituais, desconsiderando-os como relevantes para o estudo das sociedades contemporâneas (MacALOON, 1984).

A compreensão das práticas corporais como “culto secular” deriva de avanços e rupturas ao longo do desenvolvimento do pensamento social moderno que perpassam o entendimento de que a humanidade não pode ser concebida apenas a partir da racionalidade técnico-instrumental.

O sociólogo francês Émile Durkheim é um dos responsáveis por essa mudança de paradigma. Para Durkheim (1989), a razão não é o único meio que pode guiar a humanidade, e os grupos sociais necessitam, continuamente, conservar e reafirmar a ideologia coletiva que os constituem enquanto unidade e formam sua individualidade.

MacAloon (1984) inaugura um modelo teórico que parece se aproximar desta perspectiva apontada por Durkheim. Na denominada Teoria do Espetáculo, MacAloon reconhece em uma manifestação esportiva (os

jogos olímpicos) uma dimensão ritualística de natureza secular, na qual a sociedade celebra seus ideais coletivos no sentido de reafirmar valores (contar histórias de si, para si mesmo).

O referido autor identificou que as cerimônias olímpicas são estruturadas de acordo com a concepção de “ritos de passagem” – termo apresentado no clássico esquema de Arnold van Gennep, designando “[...] aqueles momentos relativos à mudança e à transição (de pessoas e grupos sociais) para novas etapas de vida e de status” (PEIRANO, 2003, p. 22).

Neste sentido, MacAloon (1984) opera com o conceito de liminaridade (transição), em que demarca momentos das cerimônias de abertura, premiação e encerramento e suas respectivas representações, como sintetizado no Quadro 1.

Cerimônias		Representações
Cerimônia de abertura	Revezamento e acendimento da tocha	Rito de separação da vida cotidiana que evidencia a justaposição de símbolos nacionais e símbolos do “transnacional”, da comunidade humana, Olímpica
	A bandeira e o hino Olímpico	Símbolos da comunidade olímpica são posicionados hierarquicamente acima de qualquer símbolo nacional.
Cerimônia de premiação	Programação artístico-cultural	Espetáculo, atmosfera festiva é dominante
	Premiação e execução do hino nacional	Rito de intensificação (para o público) Rito de seleção e iniciação (para os atletas)
Cerimônia de encerramento	Os atletas entram no estádio sem suas bandeiras nacionais, uniformes, etc.	Uma expressão simbólica do sentido de “humanidade”; Enfatizam-se os laços de amizade e respeito

**Quadro 1** – As cerimônias olímpicas e suas representações.

Fonte: MacAloon (1984)

A partir destes delineamentos, MacAloon (1984) tenta demonstrar que nas cerimônias olímpicas coexistem as identidades estruturais do indivíduo, da nação e da humanidade, porém estas identidades não se sobrepõem umas às outras, sendo ora enfatizadas, ora diminuídas.

A configuração específica das cerimônias olímpicas favorece a disseminação dos pressupostos ideológicos concebidos por Pierre de Coubertin (idealizador dos JOs modernos), os quais consistem, em linhas gerais, no culto à humanidade e celebração de valores iluministas e românticos da modernidade ocidental como, por exemplo, o culto ao indivíduo como centro da sociedade, a racionalização, o valor da competição, o valor educacional do bom exemplo, a ética do *fair play*, o senso de pertencimento a uma comunidade, entre outros (LOVISOLO, 2002). Com efeito, o próprio

Comitê Olímpico Internacional definiu como os valores olímpicos a tríade “excelência, amizade e respeito” (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2011). De qualquer forma, segundo DaMatta (2006), os JOs, enquanto um ritual, dramatizam, ao mesmo tempo, coletividades e individualidades.

A comparação que DaMatta fez entre as diferentes formas como valores universais e locais são articulados em duas competições internacionais (os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol) é produtiva para os objetivos deste trabalho:

Um dos pontos mais salientes do contraste entre os Jogos Olímpicos e o Campeonato Mundial de Futebol fala do modo pelo qual cada um desses ritos esportivos elabora o elo entre universal e o local. Campeonatos mundiais e Olimpíadas são ocasiões onde [sic] o ideal de igualdade universal é

dramaticamente elaborado e celebrado. Só que cada um desses cerimoniais faz isso concretamente (vale dizer, culturalmente) a seu modo (DAMATTA, 2006, p. 189).

Para este autor, os JOs ritualizam o atleta como a expressão do individualismo, porém, com uma tendência igualitária. DaMatta (2006) ressalta ainda que os JOs reúnem ritos universalistas (as cerimônias de abertura e encerramento) e ritos cívico-nacionalistas (as cerimônias de premiação). Valores como a fé, a vontade pessoal (mobilizada pela coletividade) e a técnica se misturam em proporções variadas e em ocasiões diferentes. Além disso, durante o momento festivo dos Jogos, são realçados valores do país sede.

Por outro lado, a Copa do Mundo também ritualiza o universal; no entanto, a construção do universalismo se faz por meio das singularidades, equipes reunidas para disputar uma única modalidade esportiva. Neste contexto sobressaem os ritos cívico-nacionalistas, uma vez que a parte cerimonial da Copa do Mundo se reduz ao hasteamento das bandeiras e à execução do hino nacional dos países participantes.

A partir da análise feita por DaMatta (2006), podemos inferir que nos JOs o local e o nacional são englobados pelo universal. Em contrapartida, apesar de também existir um caráter universalista na Copa do Mundo, ele se encontra envolto na esfera singular dada pela prática de um esporte específico.

Tais considerações, se deslocadas para o ambiente peculiar dos “jogos” e “olimpíadas” escolares, especialmente aquelas que são emolduradas no modelo olímpico, remetem-nos a questionamentos como: quais são os sentidos e significados atribuídos a estes jogos esportivos escolares? Que valores estas competições e seus rituais emulam? Como se estabelecem suas especificidades?

## METODO

Este trabalho se caracteriza como um estudo de campo qualitativo baseado em observações e entrevistas. Para a coleta de dados foram realizadas as seguintes etapas: [1] observação das cerimônias de abertura e das competições com a utilização de um diário de campo (JACCOUD; MAYER, 2008); [2] entrevistas de

tipo de elite com os professores organizadores das competições (RICHARDSON, 1999).

As informações utilizadas neste artigo fazem parte de um projeto de pesquisa maior em desenvolvimento, sobre valores e rituais esportivos, financiado pelo CNPq (No. 483400/2009-2), intitulado “Valores em Jogo”, e compõem parte da base de dados do ARETE (Centro de Estudos Olímpicos), da Universidade. Tal grupo planejou, organizou e executou uma investigação em dois jogos esportivos de duas escolas, os quais serão denominados de Jogos da escola “A” e Jogos da escola “B”.

A escola A localiza-se em Vila Velha (ES), enquanto a escola B está situada no município de Vitória (ES). Ambas pertencem à rede de ensino particular e têm caráter confessional. A definição das escolas foi intencional, tendo por critérios a autorização de acesso aos Jogos e a realização de cerimônias elaboradas de abertura. A seleção dos professores entrevistados correspondeu ao critério de participação e envolvimento na organização do evento. Todas as participantes da pesquisa, após esclarecimento do objetivo e características do estudo, assinaram o Termo de Consentimento. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP-UFES, n.º 028/10).

Com as devidas autorizações foram realizadas observações de campo durante as cerimônias de abertura dos eventos. Posteriormente, foram agendadas e realizadas as entrevistas com os professores.

A cerimônia de abertura dos Jogos da escola “A” ocorreu na quadra poliesportiva da escola no dia 19 de junho de 2010, às 9h, e contou com a participação dos alunos de 5ª a 8ª séries; já a competição da escola “B” envolveu cinco escolas que pertencem à mesma rede de colégios das cidades de Ubá (MG), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG) e Vitória (ES), a qual sediou o evento. A abertura desta competição aconteceu no dia 18 de agosto de 2010, por volta das 19h, no ginásio do colégio.

A observação sistemática considerou duas dimensões básicas: o contexto - suas diversas camadas narrativas (organização dos espaços, decoração, roteiro dos eventos, elementos presentes nos rituais, músicas, coreografias, falas e discursos e etc.) - e os sujeitos (participação, indumentárias, ações e interações). A interpretação dos dados foi

realizada a partir da concepção apreendida acerca das cerimônias esportivas enquanto rituais seculares que emulam valores. Deste modo, verificamos como se apresentam as dramatizações de valores que conduzem à sociabilidade em face das tensões entre o caráter normativo da competição esportiva e o apregoado relativismo axiológico em que vivemos.

### A EMULAÇÃO DE VALORES NAS CERIMÔNIAS ESPORTIVAS ESCOLARES

As observações realizadas nas cerimônias dos jogos das escolas A e B partiram de um roteiro que compreendia a análise do contexto e dos comportamentos. Na análise do contexto o foco estava estabelecido na descrição do local e dos elementos presentes na abertura e no modo como estes se apresentavam, bem como na descrição dos procedimentos. No que tange à análise comportamental, privilegiamos as ações e atitudes dos alunos e professores que participaram do ritual, e do público em geral.

As entrevistas com os professores organizadores envolveram questões acerca do planejamento da cerimônia, dos sentidos e significados atribuídos aos elementos olímpicos,

da relevância do evento e como são inseridos os valores da escola dentro das cerimônias.

A confirmação da validade do pressuposto de emulação das cerimônias olímpicas nas cerimônias escolares foi estabelecida por meio de uma checagem descritiva dos elementos do protocolo olímpico presentes na cerimônia escolar tendo como referência os critérios apresentados por Todt (2009) e a Carta Olímpica (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2010). De acordo com a Carta Olímpica – leis e regulamentos que regem a organização e o funcionamento do Movimento Olímpico e dos Jogos Olímpicos –, são doze os elementos que compõem o protocolo olímpico das cerimônias de abertura: desfile das delegações participantes, discurso do presidente do comitê organizador, declaração do chefe de Estado de declaração da abertura dos Jogos, hino dos jogos, entrada e hasteamento da bandeira dos jogos, chegada da tocha ao estádio, acendimento da pira, pombos simbolizando a paz, juramento dos atletas, juramento dos árbitros, hino nacional do país sede e programa artístico. Os elementos olímpicos identificados nas cerimônias escolares foram descritos no Quadro 2.

Protocolo olímpico	Jogos a	Jogos b
Desfile das delegações	As equipes eram representadas por cores	Cada delegação possuía um elemento representativo
Chefe de Estado declara abertos os Jogos	Diretor da escola	Diretora do Colégio anfitrião
Discurso do presidente do Comitê Organizador	Pedagoga da escola	Personalidade religiosa mais antiga da rede de colégios
Entrada e hasteamento da bandeira dos Jogos	Entrada das bandeiras do Brasil, do Espírito Santo, de Vila Velha e da escola. Além disso, neste momento os alunos entraram com bandeiras dos países que iriam disputar a Copa do Mundo de Futebol	Alunos entram com a bandeira dos Jogos da escola
Chegada da tocha e acendimento da pira	Aluno da 8ª série entra com a tocha e acende a pira	Apresentação coreografada do ritual que antecede o revezamento da tocha até o acendimento da pira
Pombos simbolizando a paz	A paz é mencionada no momento de oração	Foram distribuídos lenços brancos para o momento “Canção de Paz”
Juramento dos atletas	Após o momento de oração	Após o momento de oração
Hino nacional do país sede	Hino Nacional Brasileiro	Hino Nacional Brasileiro
Programa artístico	Apresentações das escolinhas de dança, GRD e esportes	Apresentações artísticas e teatralizações para celebrar o centenário da rede de colégios no Brasil

**Quadro 2** – Elementos olímpicos nas cerimônias esportivas escolares.

Embora em momentos distintos, os elementos que compõem o protocolo olímpico

apareceram nas cerimônias observadas. Alguns destes elementos sofreram uma reelaboração, a

exemplo da simbolização da paz; no entanto, outros foram reproduzidos em sua integridade em ambas as cerimônias, como o juramento dos atletas e o hino nacional.

De acordo com os professores entrevistados, todo ano há um tema específico para as cerimônias de abertura. Nas cerimônias em questão, os temas eram “No ritmo da Copa” (referindo-se à Copa do Mundo de Futebol) na escola A e o centenário da rede de colégios no Brasil para escola B. Nesse sentido, os organizadores tiveram que agregar a temática proposta aos elementos olímpicos predefinidos das cerimônias de abertura.

“Eu fui pesquisar os Jogos Olímpicos na sua origem, fui procurar [...], todo ano tem uma demanda de tema [...] eu queria mostrar a questão dos Jogos Olímpicos, os símbolos mais marcantes, a ideia de que o esporte conduz a paz, e essa história do colégio, deles aqui no Brasil. Então tudo isso a gente tinha que colocar dentro de uma salada só (sic) [...]” (Professor 1, escola B).

Na concepção dos professores, a presença de elementos olímpicos na cerimônia escolar torna o evento relevante para os alunos, uma vez que os significados destes elementos se encontram atrelados à grandiosidade dos JOs, dando-lhes valor. Além disso, estes aspectos parecem ser indispensáveis a uma cerimônia esportiva, por conferir-lhe uma característica de seriedade.

“O juramento é de praxe, não tem como não ter. Eu até faria, se um dia eu pudesse, faria de uma maneira diferente, mas teria essa questão daquele momento que eles juram e que eles se comprometem. [...] A educação física faz questão da presença desses elementos que para eles são elementos oficiais da abertura de qualquer jogo, digamos assim né [sic]. [...] Então, eu quis manter aqueles elementos até porque eles têm um significado para os alunos.” (Professor 1, escola B).

Ainda que o respondente pense em realizar o juramento dos atletas de “maneira diferente”, não parece estar em questão a necessidade de permanência do ritual, nem seu significado. A

vinculação entre signo e significado pode ser compreendida por meio da noção da *eficácia social*, segundo a qual há uma associação de ideias vinculadas à produção de crenças (PEIRANO, 2002). Sendo assim, ao se relacionarem os rituais escolares aos rituais dos JOs, estabelece-se também uma relação com os apregoados valores olímpicos em sua abrangência.

Apesar de disseminar valores “olímpicos”, para os professores entrevistados, os valores da escola também estavam inseridos nas cerimônias de abertura; porém os organizadores tiveram dificuldade em distinguir os valores da instituição e os valores do esporte no âmbito educacional. Este fato pode ser explicado a partir da concepção durkheiminiana de que quanto mais complexas são as sociedades, mais genéricos são seus valores, o que possibilita que uma maior parcela de indivíduos a elas pertencentes se identifique e constitua sua cosmologia. Vale salientar, ainda, que ambas as escolas são confessionais; assim, a emulação dos JOs está condicionada a este fator religioso e aos valores orientadores de tais doutrinas. Este é um ponto marcadamente distinto entre as cerimônias olímpicas e as escolares, uma vez que o ritual olímpico é secular, ao passo que, tanto na cerimônia A quanto na B, havia a presença de imagens sagradas (escola B) e/ou momentos destinados à oração e ao proselitismo religioso (escolas A e B).

A organização das competições escolares (A e B) é composta por uma equipe multidisciplinar envolvendo professores de Educação Física, Artes e Geografia, pedagogas e outros. As ações destes profissionais já se encontravam demarcadas, a exemplo dos professores de Educação Física, que, nos dois casos investigados, responsabilizam-se pela confecção das tabelas das competições, enquanto os professores de Artes eram responsáveis pelo planejamento das cerimônias do evento.

“Dois meses atrás nós planejamos os eventos da escola. E este ficou encarregado com a coordenação, a pedagoga da escola e mais os professores de educação física.” (Professor 2, escola A).

“Como eu trabalho com as artes cênicas, tem as artes visuais que cuida da decoração que são professoras do fundamental II e Ensino Fundamental I, elas trabalharam junto com a gente na concepção, na decoração do ginásio. E toda a equipe de educação física com as tabelas de jogos, organização da divisão, essa parte toda.” (Professor 1, escola B)

Em geral, apesar de os atores envolvidos na organização dos jogos possuírem percepções e entendimentos diferentes sobre o esporte, há uma consonância com relação aos sentidos, significados e relevância deste evento e suas cerimônias. A dimensão instrumental da competição é enfatizada e eleita como um meio para educação, sociabilização e confraternização. Para estes professores, o esporte promove o desenvolvimento dos alunos, enfatizando temas como disciplina, respeito, independência, responsabilidade, entre outros.

“Primeiro é uma forma de confraternizar. A escola sempre pensa dessa forma, [...] um momento de descontração [...]. E trabalhar valores que nem sempre na sala de aula são possíveis de se trabalhar, até porque ganhar e perder é muito importante. Porque a gente aprende naquele momento dentro do esporte, mas a vida toda vai ser assim, existe momento em que tudo vai dar certo, vai ter momento que nada vai dar certo. É uma preocupação da escola. E o esporte favorece a convivência.” (Professor 1, escola A)

Estes aspectos privilegiam um papel positivo-funcional para o esporte dentro do processo educativo isento de qualquer crítica, o que evidencia a crença em atributos “naturais” do esporte, assim como indica a pouca circulação do debate acadêmico a respeito das relações entre esporte e sociedade no sistema escolar. As falas dos professores indicam uma idealização, naturalização e generalização de valores do esporte, que ajudam a justificar a organização de jogos e olimpíadas escolares. Segundo nossa interpretação, isto se deve à combinação entre a tese durkheimiana da generalidade formal de determinados valores

orientadores em sociedades complexas, tais como tríptico do COI “excelência, amizade e respeito”, e o caráter prototípico e simbólico dos Jogos Olímpicos no mundo contemporâneo (DaCOSTA, 2000; KLAUSEN, 1995; MacALOON, 1984) emulados nas cerimônias escolares. Por exemplo, em ambas as escolas estiveram presentes os discursos sobre paz e união - ideais olímpicos amplamente difundidos e nos JOs simbolizados pelas pombas; porém, dado o caráter religioso das escolas, ao contrário dos rituais seculares, entende-se que sua celebração se dá principalmente no momento de oração.

“Aquele momento de homenagem não foi só para falar sobre a paz, que na questão [sic] a menina representava o anjo, como se fosse o anjo da paz, ou uma pomba como vocês quiserem definir a paz, seria a pomba da paz.” (Professora 1, escola B)

Na cerimônia da escola B, estes valores (paz e união) também foram ressaltados durante a “Canção de Paz”, em que o público também participou, erguendo lenços brancos que haviam sido distribuídos na entrada do ginásio.

“Assim, eu sempre gosto de envolver a plateia, de alguma forma, para que ela se sinta parte do espetáculo. [...] É importante para mim que eles participem, porque eu acho que uma cerimônia só é uma cerimônia, seja de abertura, seja de um espetáculo teatral, seja o que for, quando você pode fazer parte dela. **Necessariamente você não tem que ficar no palco para fazer parte da cerimônia, mas envolvido de alguma forma, envolvido com voz, envolvido com um lenço, envolvido com emoção, que você perceba que há essa troca com o público.**” (Professora 1, escola B. Grifo nosso)

O mesmo fenômeno de agenciamento do público tem sido observado no ambiente olímpico. Como observou Tavares (2011) em pesquisa de campo realizada nos Jogos Olímpicos de 2008, os estádios possuem telões e animadores que incentivam a participação dos espectadores de maneira organizada, indicando o momento de se manifestar e até como fazê-lo.



Segundo MacAloon (1984), o envolvimento de todos ajuda a construir uma experiência sensível de transcendência de barreiras étnicas, culturais e religiosas.

O desfile das delegações participantes constitui um dos ritos universalistas da cerimônia de abertura dos JOs, reforçando as ideias de união e igualdade (DaMATTA, 2006). Do mesmo modo, em escala reduzida e com características distintas, as duas escolas fizeram seus desfiles ao estilo olímpico. Nos dois eventos as equipes ganharam uma identidade singular, tal como um país, mas um destaque igualitário. Na escola B, as equipes das diferentes cidades traziam símbolos que remetiam às identidades particulares por eles eleitas: o do Rio de Janeiro, Zé Carioca; o de Ubá, Ari Barroso; o de Brasília, um lobo guará; e o de Vitória, uma tartaruga-marinha. A delegação de Belo Horizonte era a única que não possuía símbolos ou caracterizações.

Na escola A, em um cenário mais simples, as equipes eram identificadas por cores. Esta estratégia, bastante comum em ambientes escolares, reorganiza as identidades escolares de maneira transversal, reunindo alunos e turmas antes separados, que se apresentam e legitimam sua nova identidade para o público e para si mesmos no momento do desfile de abertura. Como sabemos, nos dois eventos o desfile é o momento possível da celebração universalista da unidade na diversidade (de cidades, de cores) que será seguido pela competição, o ato que hierarquiza e segmenta.

O acendimento da pira é o momento mais aguardado pelos espectadores, uma vez que, como ápice do ritual em sua liminaridade, demarca a ligação com a tradição (a tocha acesa em Olímpia, na Grécia) e o início da suspensão da vida cotidiana pelo período de 15 dias em que ocorrem os Jogos. A história mostra que, por estes motivos, a escolha do atleta que acenderá a pira tem, muitas vezes, forte carga simbólica. Temos como exemplos a escolha de Muhammed Ali em 1996 (Atlanta, EUA), que representou uma reparação pacifista à perda de sua medalha olímpica por ter se recusado a lutar na guerra do Vietnã, e a escolha da atleta de origem aborígine Cathy Freeman em 2000 (Sydney, AUS), que representou a escolha australiana de uma identidade multicultural politicamente

correta. Por outro lado, em 2008 (Beijing, CHN), a escolha de Li Ning foi uma homenagem à própria história olímpica da China.

Como pudemos perceber, este caráter simbólico está presente nas escolhas escolares também. Nas cerimônias investigadas, a escolha foi feita de uma maneira pedagógica, em que o aluno-atleta é indicado por ter um bom desempenho tanto escolar quanto esportivo, comunicando e legitimando uma determinada mensagem.

“É a parte pedagógica da escola junto com o pessoal da Educação Física que escolhe o aluno que vai carregar a tocha. [...] É uma honraria, porque o aluno ele não tem que ser só excelente nos esportes, ele tem que ser um exemplo de um modo geral para a escola, porque ali ele acaba sendo um exemplo para os outros alunos” (Professor 2, escola A).

Durante a abertura dos Jogos B, além de uma breve explicação acerca deste símbolo (o fogo), os espectadores presenciaram a dramatização do acendimento do fogo olímpico pelas sacerdotisas gregas, ritual que ocorre no sítio arqueológico de Olímpia (Grécia) e marca o início do revezamento da tocha até a cidade-sede dos jogos olímpicos. Torna-se evidente nestes eventos escolares o conceito de “transvalorização” (TAMBIAH apud PEIRANO, 2002), uma vez que a cerimônia escolar religa-se à cerimônia olímpica e à ritualização dos valores por meio de símbolos concretos e eficazes. Isto significa que os elementos presentes nas cerimônias escolares se transformam em algo maior do que eles mesmos, assumindo valores que lhes transcendem.

A cerimônia olímpica possui dois momentos estruturais demarcados: o universalista e solene e o particularista e festivo. O primeiro momento, mais formal, é constituído, entre outros elementos, pelo desfile das delegações, o hasteamento da bandeira, o acendimento da pira e o juramento dos atletas; já a parte festiva da cerimônia de abertura é composta pelo programa artístico, que termina por ser uma narrativa e uma celebração da identidade do país que recebe os jogos.

Podemos perceber estes dois momentos também nas cerimônias escolares, entretanto as

performances culturais se configuraram de maneiras distintas. O momento particularista na cerimônia dos jogos da escola B foi marcado por apresentações artísticas e teatralizações que, fundamentalmente, celebravam o carisma da instituição religiosa e sua mensagem pastoral, e pelo centenário da rede de colégios no Brasil. Referências olímpicas apareceram apenas de maneira secundária em uma teatralização de práticas esportivas por crianças do sexto ano do Ensino Fundamental, que terminava com a formação de grandes anéis olímpicos na quadra; já nos jogos da escola A, a cerimônia tematizou a Copa do Mundo de Futebol, redimensionada para a celebração do Brasil. Este aspecto esteve presente desde a ornamentação (verde e amarela) até o momento festivo através das vestimentas e músicas (Chica Chica Boom Chic, Brasileirinho, Aquarela do Brasil) utilizadas durante as apresentações das escolinhas de esportes. Retomando a tese de DaMatta (2006), podemos inferir que na competição da escola A, por força da referência ao futebol e à Copa do Mundo, a referência ao nacional englobou a dimensão universalista.

Se, de acordo com Haas et al. (2008, p. 324), “os países organizadores (dos JO) incutem significados nacionais próprios nos rituais, domesticando momentos tidos como ‘universais’”, e se todos os elementos ritualísticos tradicionais são domesticados em algum grau, podemos afirmar que as cerimônias escolares que emulam os rituais e valores olímpicos atribuem, de certa forma, significados e representações distintos de acordo com a realidade local.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como descrito anteriormente, a hipótese que orientava o estudo era a da emulação dos rituais

olímpicos em jogos e olimpíadas escolares contida, porém em uma ambivalência simbólica entre o universal e o particular. Observações e entrevistas em nossa investigação confirmaram a reprodução de rituais das cerimônias olímpicas nas competições escolares como referência intencional de prática esportiva correta e competição seriamente realizada.

Na perspectiva dos organizadores, os elementos do ritual olímpico são indispensáveis em uma cerimônia esportiva, uma vez que retomam os rituais pomposos e espetacularizados dos JOs, conferindo um caráter sério à competição. Pode-se concluir também que a reprodução de elementos do protocolo olímpico também emula os chamados *valores olímpicos*. Este fenômeno de transvalorização, todavia, só é possível devido à generalidade formal destes valores. Assim, na associação dos rituais escolares com os JOs há uma reprodução de crenças na natureza socialmente positiva do esporte competitivo.

Por outro lado, podemos assentir que as cerimônias escolares celebraram tanto os valores “universais” proclamados nos JOs quanto os valores “particulares”, seja pela celebração de uma identidade brasileira por ocasião da Copa do Mundo de futebol (2010), seja pela identidade confessional das escolas e suas ideologias que regem a prática esportiva, as quais estão estreitamente atreladas ao discurso positivo-funcionalista do esporte no âmbito educacional.

Diante do relativismo axiológico em que vivemos, podemos concluir que as apropriações dos valores ritualizados nos JOs são singulares e baseadas na realidade local, porém coexistem com a emulação de um modelo que se propõe universal, o que ajuda a explicar a intensa apropriação formal das cerimônias olímpicas nas incontáveis olimpíadas e jogos que se realizam todos os anos em escolas pelo Brasil afora.

---

### SCHOOL RITUALS: NOTES ON SCHOOL GAMES AND OLYMPICS AS RITUALS

#### ABSTRACT

Sociological theory suggests that all societies create ways of celebrating their values and identity. According to authors such as DaCosta (2000) and MacAloon (1984), Olympic Games are guided by values of the western modernity and celebrate them through its ceremonies. In the school context, a high number of “games” and/or “Olympics” might be identified, which, directly or indirectly, are based in the Olympic model. Thus, we aimed to analyze the meanings of values involved in the realization of these school games, focusing in the opening ceremonies. Moreover, we intended to understand the reasons that guide teachers to organize such competitions. For doing so, two schools ceremonies were observed and interviews were made with teachers who organized the competitions. We found that the appropriation of the values ritualized in OG is singular, based on local realities, but coexist with the emulation of a universal model that is proposed.

**Keywords:** Games. Rituals. School.

---

## REFERÊNCIAS

- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Olympism in Action**. 2011. Disponível em: <<http://www.olympic.org/olympism-in-action>>. Acesso em: 20 abr. 2010.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2004.
- DaCOSTA, L. P. (Org.). **Olympic studies: current intellectual crossroads**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2000.
- DaMATTA, R. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p.172-204.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução J. Pereira Neto. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- GAYA, A.; TORRES, L. O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para Crianças e Jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 57-74.
- HAAS, A. N. et al. Cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos 2007: uma avaliação a partir de parâmetros olímpicos. In: DaCOSTA, L. P. et al. **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília, DF: Ministério do Esporte, 2008. p. 317-329
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HEINEMANN, K.; PUIG, N. El deporte em La perspectiva de año 2000. **Papers**, New York, n. 38, p. 123-141, 1991.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Charter**. Lausanne, 2004
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympism in Action**. 2010.
- JACCOUD, M.; MAYER, R. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. **A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.254-294.
- KLAUSEN, A. M. (Ed.). **Olympic Games as Performance and Public Event**. New York: Bergham Books, 1995. p. 1-8.
- LOVISOLO, H. Sociologia do esporte: viradas argumentativas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26., 2002, Caxambú, 2002. **Anais...** Campinas, SP: ANPOCS, 2002. 1 CD-ROM.
- MacALOON, J. Olympic Games and the theory of Spectacle. In: MACALOON, J. (Org.) **.Rite, drama, festival, spectacle: rehearsals toward a theory of cultural performance**. Philadelphia: Institute for the study of Human Issues, 1984. p.241-280.
- PEIRANO, M. (Org.). **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- PEIRANO, M. (Org.). **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- PUIG, J. M. **Ética e valores: métodos para um ensino transversal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.
- STIGGER, Marco. **Esporte, Lazer e estilos de vida**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- TAVARES, O. Beijing 2008: os jogos olímpicos, a cidade e os espaços. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 357-373, abr./jun. 2011.
- TODT, N. As cerimônias de abertura dos jogos olímpicos de verão, sob uma perspectiva da educação olímpica. In: FILHO, A. R. R. et al (Org.). **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2009. v. 1, p. 111-122.

Recebido em 06/02/2011  
 Revisado em 02/12/2011  
 Aceito em 03/01/2012

**Endereço para correspondência:** Otávio Tavares. CEFD. UFES. Av. Fernando Ferrari, 514, Bairro Goiabeiras, CEP: 29075-910, Vitória-ES, Brasil. E-mail: otaviotavares@pq.cnpq.br